

A moratória vista de jora

VAMIREH CHACON
Colaborador

Até a semana passada tive oportunidade de acompanhar, pessoalmente, as repercussões da moratória brasileira na imprensa alemã ocidental e suíça, quando de viagem minha para seminários em universidades da República Federal da Alemanha.

O tom geral, se for possível uma média, é animador. Houve inclusive uma defesa radical da posição brasileira feita pelo semanário *Der Spiegel*, que mostrou muito bem como os chamados devedores não devem realmente tanto. Bem que pagaram grande parte com os notórios preços decrescentes das matérias-primas e as maciças remessas de lucros para o exterior. Argumentos típicos do Terceiro Mundo, para surpresa de muitos.

Claro que pontos de vista opostos teriam de surgir. Alguns mais fortes, outros menos.

O diário de esquerda democrática, *Frankfurter Rundschau*, por exemplo, preferiu analisar o lado social, humano da questão. Aproveitou o carnaval para mostrar como se apresenta profunda a crise econômica, a ponto de diminuir (será mesmo verdade?) a animação dos últimos festejos. Até os lixeiros cariocas estavam em greve. Apesar do então governador Leonel Brizola, em fim de mandato, isto talvez o beneficiasse a longo ou médio prazo. A inflação alarma os alemães, mais que a qualquer povo. O jornal horroriza-se com a taxa de quase 20 por cento ao mês. Os fantasmas do colapso da República de Weimar — sob o peso da inflação, mais a dívida externa do Tratado de Versalhes e o desemprego em massa na grande crise mundial de 1929 — nunca abandonam a memória alemã. Também o marco andou mudando de nome e valor, pelo menos três vezes, ao longo deste século, só dando certo a partir da reforma monetária de 1948. As perseguições do ministro Dilsen Funaro, pelas matrizes credoras, foram descritas em pormenores pelo *Frankfurter Rundschau*. Também a ascendente influência da CUT e Conclat. O partido governista, PMDB, recebe um aviso preocupado do jornal. A euforia do cruzado lhe valeu uma vitória eleitoral, mas quanto durará, se já não desapareceu? E depois? O *Frankfurter Rundschau* prevê o retorno da campanha em favor das diretas-já.

Já o semanário *Die Zeit*, de Hamburgo, preferiu ir por etapas. Principiou com uma nota, pe-

quena porém de destaque, sob o literal título "Moratória do Brasil". Uma notícia factual, estatística, sem comentários. Eles vieram na semana seguinte, irônicos, dizendo que "Dar é mais santo que tomar". Afirmando que os países ricos podem ter muitos defeitos, contudo os pobres não conseguem viver sem eles. Em último caso, seja perdoada uma parte, pequena ou até grande da dívida, mas não se cortem os elos. Todos sairiam perdendo. Adverte para o perigo, ainda maior, de generalização do exemplo brasileiro: se outros o seguirem na moratória? O que sucederá, principalmente, aos banqueiros e, a partir deles, aos depositantes e usuários em geral nas metrópoles capitalistas? Viria uma onda de suspensão de pagamentos da América Latina, África e Ásia, de repercussões imprevisíveis. Trata-se, enfim, de saber administrar a crise crônica do Terceiro Mundo. Em cinco anos os banqueiros internacionais emprestaram mais que em cinquenta países. O Brasil teria usado uma superdose ("overkill") na resposta, embora fosse previsível e prossiga arriscado.

O principal jornal da Suíça, *Neue Zürcher Zeitung*, chegou a ir mais longe. Intitulou um destacado artigo de "Atrapalhada Estratégia de Devedor". Considera estranho o itinerário das autoridades financeiras do Brasil, acima e abaixo, sem muitas novidades, ao glosarem em vários ritmos a mesma melodia do adiamento. Distingue a capacidade de pagar e a vontade de pagar. Em que medida convergiriam, no caso brasileiro? O diário nada conclui, nem insinua, muito suíçamente, isto é, mais sóbrio até que um jornal britânico. Sugere que o Brasil se defina o quanto antes. Do jeito que vai, não dá. Tem que haja um isolamento imposto ao Brasil. Fala muito em risco dos investidores, não só dos emprestadores. Uma coisa puxa a outra. Existirá de fato um impasse financeiro, ou ele também brota de desorganização orçamentária? Quando se saberá finalmente a verdade? Ou, pelo menos, parte dela?

Die Zeit tinha publicado uma montagem de um prédio do Banco do Brasil comparado com uma favela. Indagava-se para onde iam os saldos dos balanços bancários. Só para realimentarem a inflação? Lembra a atitude do presidente do Peru, Alan Garcia, e recela os desdobramentos da crise brasileira.

O interesse vem atingindo um ponto que um estudante de pós-graduação reproduz, em português (com a competente tradução), trechos de declarações de ministros brasileiros da Fazenda desde os tempos de Osvaldo Aranha, logo após a Revolução de 1930: "A nossa história financeira é a história do mais largo abuso do crédito. A história dos denominados empréstimos brasileiros é uma história de verdadeiros fundings, isto é, dividas contraídas para pagar dividas num curso infinito de operações de crédito, por tal forma que, na realidade, revenido esse passado financeiro, vamos encontrar raros empréstimos contraídos para obras públicas, e os poucos, ainda com esta cláusula expressa, foram desviados para outros objetivos". E conclui, ainda com Osvaldo Aranha: "O Brasil nunca pagou seus empréstimos com seus próprios recursos. Fez sempre novos empréstimos para manter os antigos. Os saldos de sua balança de pagamentos não lhe permitiram nunca cobrir a balança de contas".

Retomando o raciocínio, projeta-o em tempos recentes, ao invocar declarações de Ernani Galvêas, ministro da Fazenda em 1984, portanto 50 anos após mas na mesma cantilena: "Não vamos pagar dívida alguma. Vamos pagar os juros e, quando o dinheiro não der, eles (os banqueiros internacionais) nos emprestarão mais, para continuarmos a pagar os juros".

Em seguida, o jovem autor desfia a história da dívida externa brasileira, inclusive numericamente, desde a Independência. Aponta suas destinações, quanto possível, com frequência confirmando Aranha com os remendos de Galvêas, seus parâmetros.

Enfim, o jornal local da cidade de Nuremberg, *Nürnberger Nachrichten*, chegou a publicar uma reportagem, com fotografia, do linchamento de um assaltante nas ruas do Rio de Janeiro. A descrição é minuciosa, apesar da foto falar por si mesma. Também se menciona a superlotação das cadeias e a pobreza de melos da polícia.

Exageros pessimistas, tudo isto?

O Brasil não pode se queixar. As agências internacionais e os correspondentes estrangeiros escrevem o que querem, nas suas perspectivas. Caberia a nós penetrarmos um pouco com nossas próprias versões. Elas serão, ou não, aceitas, desde que existam.